



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Taynara Regina Machado

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE  
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos  
2022

Taynara Regina Machado

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE  
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marcy Lancia Pereira.

Curitibanos

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado, Taynara Regina

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA  
DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS / Taynara  
Regina Machado ; orientadora, Marcy Lancia Pereira, 2022.  
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus  
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,  
Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Medicina Veterinária. 3.  
Estágio curricular obrigatório. 4. Clínica e cirurgia de  
pequenos animais. I. Pereira, Marcy Lancia. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Medicina Veterinária. III. Título.

Taynara Regina Machado

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE  
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Médica Veterinária e aprovado em sua forma final pelo Curso de Medicina Veterinária.

Curitiba, 13 de dezembro de 2022.

---

Prof. Malcon Andrei Martinez Pereira, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcy Lancia Pereira  
Orientadora

---

Médico Veterinário Felipe Antônio Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Médico Veterinário Lucas Marlon Freiria  
Universidade Federal de Santa Catarina

Curitiba, 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Maurício Machado e Maria de Lourdes Machado, vocês que tornaram possível meu sonho em ser médica veterinária. Sei o sacrifício que vocês fizeram e fazem para eu ter as oportunidades que estou tendo na vida, serei eternamente grata por isso, amo vocês.

Mãe, você é minha melhor amiga, meu apoio, meu exemplo de força, nada disso seria possível sem você.

Pai, você sempre foi meu principal incentivador, se hoje estou me tornando médica veterinária é por sua causa, uma parte desse diploma é seu também.

Também quero agradecer ao meu amor, Hans, obrigada por ter sido meu apoio, por me ouvir, me aconselhar, me acalmar, você acreditou em mim quando nem eu estava acreditando. Você foi essencial para minha formação, te amo imensamente.

Agradeço também aos meus irmãos, cunhadas, sobrinhos, tias e tios, enfim, toda a minha família que sempre me apoiou de alguma forma, vocês também fazem parte dessa minha trajetória e sou imensamente grata, amo vocês.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte nessa minha caminhada durante a graduação levo um pouco dos ensinamentos de cada um, vocês são incríveis, não poderia ter mestres melhores na minha formação, principalmente a professora Marcy que topou ser minha orientadora e em suas aulas que me apaixonei ainda mais pela clínica médica, obrigada prof!!

E por fim e não menos importante, agradeço aos meus filhinhos peludos Bob Bibinho, meus amores, vocês são minha inspiração para eu querer ser uma profissional melhor a cada dia.



“A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana.”

Charles Darwin

## RESUMO

O estágio curricular obrigatório é indispensável para a formação do Médico Veterinário, nesta etapa o aluno passa a vivenciar a rotina na área escolhida e assim poder colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante a graduação. O presente relatório teve o objetivo descrever o local, a rotina e as atividades realizadas durante o estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. O estágio foi realizado no Hospital Referência Veterinária Montenegro, localizado na cidade do Porto em Portugal, durante o período de 15 de agosto de 2022 a 11 de novembro de 2022, totalizando 520 horas.

**Palavras-chave:** estágio curricular; clínica médica e cirúrgica; Hospital Veterinário.



## **ABSTRACT**

The mandatory curricular internship is indispensable for the formation of the Veterinary Doctor, in this stage the student starts to experience the routine in the chosen area and thus be able to put into practice all the knowledge acquired during graduation. This report aimed to describe the location, routine and activities carried out during the mandatory curricular internship in the area of medical and surgical clinic for small animals. The internship was carried out at the Hospital Referência Veterinária Montenegro, located in the city of Porto in Portugal, during the period from August 15, 2022 to November 11, 2022, totaling 520 hours.

**Keywords:** Curricular stage; medical and surgical clinic; Veterinary Hospital.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Fachada do HRVM (1A) e Recepção principal (1B).....	17
<b>Figura 2</b> - Centro de imagem do HRVM.....	18
<b>Figura 3</b> - Sala de emergência do HRVM .....	19
<b>Figura 4</b> - Sala de espera para gatos (A) e Consultório para gatos do HRVM (B)....	19
<b>Figura 5</b> - Consultórios para cães do HRVM.....	20
<b>Figura 6</b> - Sala de Ultrassonografia (A) e Sala de Radiologia (B) do HRVM.....	21
<b>Figura 7</b> - Entrada bloco cirúrgico (A) e Sala de cirurgia (B) do HRVM.....	22
<b>Figura 8</b> - Sala de Profilaxia Dentária e Endoscopia do HRVM.....	23
<b>Figura 9</b> - Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Referência Veterinária de Montenegro (A e B).....	23
<b>Figura 10</b> - Internamento de cães do HRVM (A e B).....	25
<b>Figura 11</b> - Internamento de gatos (A) e infecciosos (B) do HRVM.....	26
<b>Figura 12</b> - Sala de Visitas (A) e Sala de Reuniões (B) do HRVM.....	27
<b>Figura 13</b> - Área de estudos (A) e estoque de rações (B) do HRVM.....	28

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Casuística dos pacientes acompanhados separados por espécie e sexo acompanhados no HRVM.....	30
<b>Tabela 2</b> -Casuística dos pacientes caninos separados por raça acompanhados no HRVM.....	30
<b>Tabela 3</b> - Casuística dos pacientes felinos separados por raça acompanhados no HRVM.....	31
<b>Tabela 4</b> - Casuística de pacientes caninos separada por faixa etária acompanhados no HRVM.....	32
<b>Tabela 5</b> - Casuística de pacientes felinos separada por faixa etária acompanhados no HRVM.....	32
<b>Tabela 6</b> – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhados no HRVM.....	33
<b>Tabela 7</b> – Afecções do sistema digestório acompanhados no HRVM.....	33
<b>Tabela 8</b> - Afecções do sistema nervoso acompanhados no HRVM.....	36
<b>Tabela 9</b> - Afecções do sistema tegumentar acompanhados no HRVM.....	36
<b>Tabela 10</b> - Afecções do sistema urinário acompanhados no HRVM.....	37
<b>Tabela 11</b> - Afecções do sistema respiratório acompanhados no HRVM.....	38
<b>Tabela 12</b> - Afecções do sistema musculoesquelético no HRVM.....	39
<b>Tabela 13</b> - Afecções do sistema endócrino acompanhados no HRVM.....	40
<b>Tabela 14</b> - Afecções infecciosas, infectocontagiosas e parasitárias acompanhados no HRVM.....	40
<b>Tabela 15</b> - Casos de intoxicações acompanhados no HRVM.....	42
<b>Tabela 16</b> - Rotina cirúrgica e pós-operatório acompanhados no HRVM.....	43
<b>Tabela 17</b> - Procedimentos realizados e/ou acompanhados no HRVM.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HRVM	Hospital Referência Veterinária Montenegro
IV	Intravenoso
IM	Intramuscular
MPA	Medicação Pré-Anestésica
SC	Subcutâneo
SRD	Sem raça definida
TAC	Tomografia Axial Computadorizada
VO	Via oral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 HOSPITAL REFERÊNCIA VETERINÁRIA MONTENEGRO.....</b>	<b>17</b>
2.1 DESCRIÇÃO FÍSICA DO LOCAL E FUNCIONAMENTO.....	18
2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	28
<b>3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO.....</b>	<b>29</b>
3.1 Sistema Digestório.....	33
3.2 <i>Sistema Reprodutor</i> .....	35
3.3 <i>Sistema Nervoso</i> .....	35
3.4 Sistema Tegumentar.....	36
3.5 Sistema Urinário.....	36
3.6 Sistema Respiratório.....	37
3.7 Sistema Musculoesquelético.....	38
3.8 Sistema Endócrino.....	39
3.9 Infeciosas, infectocontagiosas e parasitárias.....	40
3.10 Intoxicações.....	41
3.11 Rotina cirúrgica.....	43
3.12 Procedimentos.....	44
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na etapa final da graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina, é realizado o estágio curricular obrigatório. Podem ser efetuados em diversas áreas nas quais o acadêmico pode optar pelo campo que desenvolveu maior interesse durante sua trajetória acadêmica, aprimorando seus conhecimentos, desenvolvendo o raciocínio e tendo a oportunidade de conviver com a realidade diária da área escolhida.

O cumprimento do estágio foi realizado sob orientação acadêmica da Profa. Dra. Marcy Lancia Pereira, no período de 15 de agosto de 2022 a 11 de novembro de 2022, sendo realizado no Hospital Referência Veterinária Montenegro, localizado na cidade do Porto - Portugal, sob supervisão do Médico Veterinário Nuno Jorge da Silva, totalizando 520 horas.

Foi possível acompanhar cirurgias, consultas clínicas em diversas áreas, exames de imagem como ultrassonografia e radiografia, exames físicos, auxiliar e realizar procedimentos ambulatoriais, além de poder vivenciar atendimentos de emergência e o funcionamento de um internamento. Neste relatório está a descrição do local e funcionamento onde o estágio curricular foi realizado, as atividades desenvolvidas e a casuística acompanhada.

## 2 HOSPITAL REFERÊNCIA VETERINÁRIA MONTENEGRO

O Hospital Referência Veterinária Montenegro foi fundado em 1999 pelo Médico Veterinário Luís Montenegro. Está localizado na Rua da Póvoa, nº34 (Figura 1A), na cidade do Porto em Portugal e conta exclusivamente com atendimento para pequenos animais (cães e gatos).

**Figura 1** - Fachada do HRVM (A) e Recepção principal (B).



Fonte: Autora, 2022.

O Hospital possui atendimento todos os dias da semana e do ano com funcionamento 24 horas. Conta com uma equipe de vinte e quatro Médicos Veterinários, em que oito são internos, além disso, conta com cinco enfermeiros, três auxiliares, uma recepcionista e estagiários vindos de outras regiões de Portugal e até de outros países.

Possui uma grande diversidade de serviços prestados como consultas de clínica geral e específicas como Dermatologia, Oftalmologia, Neurologia, Oncologia e Reprodução Animal, além de contar com laboratório próprio onde são realizadas as Análises clínicas e um centro de imagem completo no qual são efetuados exames como de Ultrassonografia, Ressonância Magnética, TAC, Radiologia, Mielografia, Ecocardiografia, Eletroretinografia e Endoscopia. Possui também atendimento de emergência e serviço de internamento de cães e gatos 24 horas por dia.

## 2.1 DESCRIÇÃO FÍSICA DO LOCAL E FUNCIONAMENTO

O Hospital possui uma estrutura de 3 andares sendo um deles o subsolo, onde se encontra o centro de imagem e são realizados os exames de Tomografia Computadorizada pelo aparelho TAC GE Brivo CT 325® e exames de Ressonância magnética realizadas pelo aparelho Esaote Vet-MR Grande 0,25T®. O centro de imagem conta com uma recepção própria acessada pela garagem do Hospital para facilitar a entrada dos animais e com uma equipe fixa de três veterinários que atendem com horário marcado de segunda a sábado das 09 horas até as 19 horas e urgências e emergências 24 horas por dia. O local possui cinco computadores para análise das imagens e demais tarefas (Figura 2), uma mesa de inox para realizar a sedação e anestesia dos animais para depois serem levados à sala ao lado para o exame e conta cinco baias, onde os animais ficam até a realização do exame e após para observação pós-anestesia.

**Figura 2 – Centro de imagem do HRVM**



Fonte: Autora, 2022.

No primeiro andar está localizada a Recepção principal do Hospital (Figura 1B) onde se encontra uma recepcionista e uma enfermeira que realiza o cadastro dos pacientes e fica responsável em fazer a pesagem dos animais e comunicar a chegada dos pacientes aos Médicos Veterinários. Quando chegam pacientes em



estado crítico, eles são levados para uma sala específica onde são realizados os atendimentos de urgências e emergências (Figura 3).

**Figura 3** – Sala de emergência do HRVM.



Fonte: Autora, 2022.

Existe também uma sala de espera específica para gatos (Figura 4A), que fica ao lado da recepção principal, o objetivo é para que os felinos tenham um maior conforto, sem cheiros e ruídos e conseqüentemente o atendimento clínico acaba sendo mais tranquilo e de qualidade, pois também há um consultório específico para gatos (Figura 4B), com utensílios e balança individual, não precisando ter contato algum com cães.

**Figura 4** – Sala de espera (A) e Consultório específico para gatos (B)



Fonte: Autora, 2022.

As consultas de cães são realizadas em três consultórios (Figura 5) que são equipados com mesa de inox para exame físico, pia para higienização de mãos, cadeiras para os tutores, luz de led para auxílio, lupas, equipamentos oftalmológicos, lixeiras comuns e recipientes para descarte de materiais perfurocortantes, balcão auxiliar com medicações, vacinas, seringas, agulhas, gaze e álcool, por exemplo.

Os horários de consulta com marcação prévia são de segunda a sexta-feira das 10 horas até 20:30 horas, fora deste horário os atendimentos são apenas para emergência.

**Figura 5 – Consultório para cães do HRVM**



Fonte: Autora, 2022.

Após os consultórios, há uma área onde é permitida somente a entrada de funcionários e pessoas autorizadas e ainda no primeiro andar ficam as salas de Ultrassonografia, Radiologia, Bloco cirúrgico, sala de Profilaxia dentária e Endoscopia, Laboratório, Sala de visitas e os Internamentos.

A sala de Ultrassonografia (Figura 6A) possui uma mesa de inox com colchão para o posicionamento dos animais e um balcão auxiliar com papel toalha, gel condutor para US e álcool que são usados para a realização da ultrassonografia.

A sala de Radiologia (Figura 6B) ocorrem as radiografias simples e contrastadas. Quando é realizado o RX uma luz vermelha fica acesa do lado de fora da sala avisando que é proibido entrar nesse momento. Para segurança dos funcionários é obrigatório o uso de aventais e protetores de tireóide para proteção contra a radiação que o aparelho emite. Tanto a Ultrassonografia quanto a Radiografia podem ser realizadas com hora marcada ou em situações de urgência, pois sempre há um médico veterinário disponível para ambos os exames.

**Figura 6 – Sala de Ultrassonografia (A) e Sala de Radiologia (B) do HRVM**



Fonte: Autora, 2022.

O bloco cirúrgico possui duas salas de cirurgia igualmente equipadas e na entrada do bloco (Figura 7A) há uma área para a colocação de propés, touca e máscara, pois só é permitido entrar com o uso dos mesmos no centro cirúrgico. Na entrada também fica uma pia de aço inox com dispenser de clorexidina para a lavagem das mãos, além de armários onde são armazenados medicamentos e utensílios da rotina cirúrgica.

As salas de cirurgia (Figura 7B) possuem mesa de aço inox motorizada com ajustes de elevação, suporte para fluidoterapia com bomba infusora, mesa de aço

inox para instrumental cirúrgico, foco cirúrgico, equipamentos para anestesia inalatória e mesa de apoio de materiais para antissepsia.

A equipe cirúrgica conta com um cirurgião, um auxiliar, um anestesista que geralmente é um Médico Veterinário interno e um volante que pode ser um estagiário ou enfermeiro. A preparação dos materiais cirúrgicos, incluindo esterilização dos materiais e limpeza da sala onde foi realizada a cirurgia era de responsabilidade dos enfermeiros veterinários.

**Figura 7 –** Entrada bloco cirúrgico (A) e Sala de cirurgia (B) do HRVM



Fonte: Autora, 2022.

Ao lado do bloco cirúrgico há uma sala específica para realização de profilaxia dentária e endoscopia (Figura 8) que tem o objetivo de evitar a contaminação do centro cirúrgico.

**Figura 8** – Sala de Profilaxia Dentária e Endoscopia do HRVM.



Fonte: Autora, 2022.

No mesmo corredor, há o laboratório de análises clínicas (Figura 9) onde são realizados quase todos os exames que são solicitados durante a internação ou em consultas. Dentre eles estão: Hemograma, análises bioquímicas, microhematócrito, proteínas totais, análise de progesterona e análises dermatológicas.

**Figura 9** - Laboratório de Análises Clínicas do HRVM.



Fonte: Autora, 2022.

O internamento de cães (Figura 10) possui capacidade de receber trinta e cinco cães. A sala possui duas mesas em inox que também são cubas e são utilizadas para a realização de procedimentos e colocação de cateteres, uma pia para higienização das mãos e demais utensílios do internamento, uma incubadora, uma geladeira para guardar as medicações que precisam ser resfriadas e alimentações úmidas como patês. O internamento também possui lâmpadas de aquecimento para animais hipotérmicos, balcões para armazenamento de: seringas, agulhas, gaze, cateteres, medicações e demais utensílios que usamos no cotidiano do internamento.

Para o bem-estar dos cães, há horários durante o dia para passear dentro do internamento ou até ir à rua dependendo da condição do animal, nas baias sempre há mantas limpas e tapetes higiênicos para fornecer conforto aos cães, além de estarem disponíveis água fresca e alimentação de qualidade para cada um. Para cada cão também há uma bomba infusora para o controle exato da quantidade de fluidoterapia que está sendo fornecida.

A sala possui três computadores para serem utilizados pelos Médicos Veterinários internos, estagiários, enfermeiros e auxiliares, neles ficam o sistema que é utilizado no Hospital. O Pet Universal®, sistema específico para animais que estão internados. No momento em que o animal é internado, o Médico Veterinário responsável anota e agenda as medicações, procedimentos, alimentação, passeios e troca de cateteres e a equipe que está no internamento executa os procedimentos na hora que estão marcadas.

Em lugares estratégicos como do lado das mesas de inox e incubadora, existem saídas de oxigênio, que facilitam em casos de atendimentos de emergências. Outro sistema importante são os botões de emergência no internamento, onde são acionados em casos de animais com parada cardiorrespiratória, por exemplo.

**Figura 10 - Internamento de cães do HRVM.**



Fonte: Autora, 2022.

O internamento de gatos (Figura 11A) possui a capacidade para receber nove felinos. Na sala há uma mesa em inox para a realização de procedimentos, um computador com o sistema do Hospital, balcões para medicações, lixeiras e demais utensílios. Para o bem-estar dos felinos há um aviso na porta para sempre mantê-la fechada e diminuir ruídos, quando há animais extremamente estressados é utilizado o Feliway®.

Ao lado do internamento dos cães e gatos há o internamento dos infecciosos (Figura 11B) que é utilizado para ambas as espécies. Quando há animais internados nessa área, os profissionais que ficam responsáveis por eles, depois não podem entrar nos outros internamentos para evitar a contaminação dos animais que estão no internamento normal. A sala possui duas pias de inox, incubadora, balcões com utensílios usados no cotidiano como: gaze, álcool, cateteres, seringas, agulhas, medicações e sistemas de soro.

**Figura 11** - Internamento de gatos (A) e infecciosos (B) do HRVM.



Fonte: Autora, 2022.

Ainda no primeiro andar, o Hospital possui uma sala de visitas particular (Figura 12A), onde os tutores podem alimentar, brincar e interagir com seus animais. Sendo assim eles conseguem ter privacidade e é visível a melhora do bem-estar dos cães e gatos.

No segundo andar há uma sala de reuniões (Figura 12B), onde de segunda-feira a sexta-feira acontecem reuniões das 9 horas às 10 horas, momento em que os Médicos Veterinários discutem sobre todos os animais que estão internados no hospital e as condutas que estão sendo utilizado, se precisa ser realizadas mudanças no tratamento de algum animal e na reunião que são decididas as altas do dia.



**Figura 12 - Sala de Visitas (A) e Sala de Reuniões (B) do HRVM.**



Fonte: Autora, 2022.

Ao lado da sala de reuniões está localizada uma área para estudos (Figura 13A), com livros de diferentes especialidades e ao lado possui uma área onde ficam as rações secas e úmidas expostas, que são utilizadas para uso dentro do próprio Hospital e para a venda aos tutores.

Ainda no segundo andar há uma área para a realização de hidroterapia, que sempre é acompanhada por um Médico Veterinário ou Enfermeiro (Figura 13B).

**Figura 13** - Área de estudos com exposição de rações secas e úmidas (A) e área de hidroterapia (B) do HRVM.



Fonte: Autora, 2022.

## 2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A cada mês, a estagiária recebia uma planilha com a escala de trabalho a ser cumprida, de 40 horas semanais divididas em cinco dias, todavia os horários de início e término das atividades alternavam entre os dias, inclusive com plantões noturnos.

O estágio foi realizado nos setores de cirurgia, consultas médicas, mas a maior parte do tempo a estagiária ficava no internamento. Para o início foi solicitado pijama cirúrgico, estetoscópio próprio e calçados apropriados e no primeiro dia houve uma breve explicação do funcionamento do sistema do hospital e orientações de como iria ser a rotina.

Na primeira semana a estagiária pôde apenas observar o funcionamento do internamento e auxiliar em tarefas consideradas simples, como aferição de temperatura retal, Frequência respiratória, Frequência cardíaca, alimentação, limpeza dos animais e baias e auxiliar na contenção dos animais.

Após a primeira semana era de competência da estagiária realizar os exames físicos dos animais internados, que são feitos todas as manhãs. Medicações intravenosas - IV, intramusculares - IM e subcutâneas - SC, aferição de pressão arterial e glicemia, cálculo de fluidoterapia, monitoração das bombas de infusão, sempre verificando se o cateter estava corretamente localizado na veia. Quando solicitado a estagiária acompanhava para auxiliar nos exames de radiologia, de ultrassonografia e também executava as tarefas do laboratório.

Quando havia procedimentos cirúrgicos e a estagiária seria a auxiliar, era de responsabilidade dela auxiliar os procedimentos pré-cirúrgicos como: colocação de cateter, tricotomia, MPA e preparação do animal na mesa cirúrgica. No pós- cirúrgico também era de responsabilidade da estagiária preparar a baia para quando o animal retornasse ao internamento, com mantas, tapete higiênico, bomba infusora e quando necessário lâmpada para aquecimento.

### 3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

Durante o estágio curricular obrigatório foi possível acompanhar diversos casos e procedimentos. Ao total foram acompanhados 184 pacientes, incluindo consultas, cirurgias, atendimentos emergenciais, cuidados no internamento e no pós-operatório. Em alguns casos, os animais apresentavam mais de uma afecção concomitantemente, então o número de afecções foi maior que o número de pacientes atendidos.

A TABELA 1 permite analisar a quantidade de atendimentos conforme sexo e espécie.

**Tabela 1** - Casuística dos pacientes acompanhados separados por espécie e sexo acompanhados no HRVM.

<b>Espécie</b>	<b>Machos</b>	<b>Fêmeas</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Canino	65	55	120	65,22
Felino	39	25	64	34,78
<b>Total</b>	104 (56,52%)	80 (43,48%)	184	100,00

Também podemos observar que houve o dobro de pacientes caninos, representando 65,2% dos atendimentos, e o atendimento de felinos totalizando 34,7%. Podemos observar também que ambas as espécies houve o predomínio de machos, totalizando 104 machos (56,5%) e 80 fêmeas (43,4%).

Na TABELA 2 estão as raças de cães atendidas durante o período de estágio, onde a prevalência foi de caninos sem raça definida, representando 38,3%, seguido da raça Bulldog Francês 16,6%.

**Tabela 2** -Casuística dos pacientes caninos separados por raça acompanhados no HRVM.

<b>Raça</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Akita Inu	1	0,83
American Bully	1	0,83
Beagle	5	4,17
Boerboel	2	1,67
Boxer	3	2,50
Bull Terrier	1	0,83
Bulldog Francês	20	16,67
Bulldog Inglês	1	0,83
Cão de água português	1	0,83
Cão da Serra da Estrela	2	1,67
Cane Corso	1	0,83
Chihuahua	2	1,67
Cocker Spaniel inglês	2	1,67
Dobermann	1	0,83
Fox Terrier de pêlo duro	1	0,83
Golden Retriever	2	1,67
Grand Basset Griffont da Vendéia	1	0,83
Labrador	5	4,17
Lhasa Apso	2	1,67
Pastor Alemão	1	0,83
Pastor Belga Groenendael	1	0,83
Pastor Belga Malinois	1	0,83
Pinscher	2	1,67
Poodle	2	1,67

Pug	5	4,17
Schnauzer	1	0,83
Sem raça definida	46	38,33
Spitz Alemão	1	0,83
Teckel	1	0,83
Yorkshire Terrier	4	3,33
Whippet	1	0,83
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>

Na TABELA 3 estão as raças de gatos atendidos, com prevalência também de SRD totalizando 48,4%, seguido da raça Gato comum europeu 31,2% e British Shorthair 7,8%.

**Tabela 3** - Casuística dos pacientes felinos separados por raça acompanhados no HRVM.

<b>Raça</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Azul Russo	1	1,56
British Shorthair	5	7,81
Gato comum Europeu	20	31,25
Persa	4	6,25
Scottish Fold	2	3,13
Sem Raça Definida	31	48,44
Sphynx	1	1,56
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,00</b>

A partir da Tabela 4 podemos observar que a faixa etária de pacientes caninos mais frequente foi de 3 a 10 anos, ou seja, pacientes adultos, eles apresentaram 48,3% do total de cães, seguido de jovens adultos 23,3%.

**Tabela 4** - Casuística de pacientes caninos separada por faixa etária acompanhados no HRVM.

<b>Faixa etária caninos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Filhote (até 6 meses)	14	11,67
Jovem adulto (7 meses a 2 anos)	28	23,33
Adulto (3 a 10 anos)	58	48,33
Idoso (11 a 14 anos)	15	12,50
Geriátrico (15 anos ou mais)	5	4,17
<b>Total</b>	<b>120</b>	<b>100,00</b>

Na Tabela 5 podemos analisar a faixa etária dos felinos, a idade mais frequente também ficou na faixa de 3 a 10 anos apresentando o total de 35,9%, seguido de pacientes com 7 meses a 2 anos, ou seja, jovens adultos 26,5%.

**Tabela 5** - Casuística de pacientes felinos separada por faixa etária acompanhados no HRVM.

<b>Faixa etária felinos</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Filhote (até 6 meses)	10	15,63
Jovem adulto (7 meses a 2 anos)	17	26,56
Adulto (3 anos a 10 anos)	23	35,94
Idoso (11 anos a 14 anos)	12	18,75
Geriátrico (15 anos ou mais)	2	3,13
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100,00</b>

Os casos atendidos no HRVM foram agrupados por sistemas ou especialidade (Tabela 6), sendo estes, digestório, reprodutor, nervoso, tegumentar, respiratório, urinário, endócrino,, musculoesquelético, tegumentar, infectocontagiosa, intoxicações e “Outros”. Todos serão esclarecidos e detalhados durante o relatório.

O sistema/especialidade mais acometido foi o “Outros” com 29,4%, pois neles estão inclusos os animais em que a estagiária acompanhou apenas o pós-cirúrgico imediato dos pacientes e serão mais esclarecidos na TABELA 17. O sistema digestório ficou em segundo colocado como o mais acometido 26,3%, seguido de afecções Infeciosas, infectocontagiosas e parasitárias 7,3%. Os casos do sistema reprodutor serão esclarecidos em duas tabelas (TABELA 8 e 17).

**Tabela 6** – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhados no HRVM.

<b>Sistemas/Especialidade</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Sistema Digestório	29	21	50	26,32
Sistema Reprodutor	11	0	11	5,79
Sistema Tegumentar	6	4	10	5,26
Sistema Nervoso	7	0	7	3,68
Sistema Urinário	4	6	10	5,26
Sistema Respiratório	6	4	10	5,26
Sistema Musculoesquelético	2	6	8	4,21
Sistema Endócrino	1	3	4	2,11
Infecção contagiosa e parasitária	11	3	14	7,37
Intoxicação	2	8	10	5,26
Outros	50	6	56	29,47
<b>Total</b>	<b>129 (67,89%)</b>	<b>61 (32,11%)</b>	<b>190</b>	<b>100,00</b>

### 3.1 Sistema Digestório

Em caninos e felinos a principal afecção do sistema digestório foram as gastroenterites com 60% dos casos, seguido de Lipidose hepática com 14% do total (TABELA 7).

**Tabela 7** – Afecções do sistema digestório acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Gastroenterite	23	7	30	60,00
Lipidose Hepática	0	7	7	14,00
Fecaloma	0	5	5	10,00
Gastrite	4	0	4	8,00
Pancreatite	1	2	3	6,00
Síndrome vólculo-gástrica	1	0	1	2,00
<b>Total</b>	<b>29 (58%)</b>	<b>21 (42%)</b>	<b>50</b>	<b>100,00</b>

Segundo Lawrence & Lidbury (2015) os principais sinais clínicos dos animais com gastroenterite são vômito e diarreia, podendo cursar com anorexia, ptialismo,

letargia, desidratação e dor abdominal. Geralmente não é identificado a causa principal da gastroenterite, porém, é necessário fazer uma perfeita anamnese e exame físico para saber se exames adicionais são necessários, como por exemplo, se o animal não estiver com a vacinação em dia e tiver até 1 ano de idade, seria importante realizar testes como da parvovirose. Nos casos acompanhados os principais sinais clínicos foram diarreia e vômito e geralmente os tutores relataram que os animais comeram algo que não era do seu habitual. A conduta clínica era a realização de Ultrassonografia abdominal, fluidoterapia, Maropitant IV, Omeprazol IV, infusão de Metronidazol IV em alguns casos, Metoclopramida IV em casos que o paciente tinha êmese, probióticos, Sucralfato em alguns casos VO e alimentação úmida gastrointestinal Purina Pro Plan Veterinary Diets EN®.

.A lipidose hepática foi a segunda afecção mais acompanhada e segundo Valtolina e Favier (2017), é uma das doenças mais frequentes na clínica médica felina, e é a principal doença hepatobiliar de gatos que é caracterizada pelo acúmulo de triglicerídeos no fígado afetando mais de 80% dos hepatócitos. A principal queixa dos tutores era que os felinos desapareciam por alguns dias e retornavam para casa já ictericos, com anorexia, perda de peso, letárgicos, em alguns casos com ptialismo e diarreia. Em um dos casos acompanhados, o gato esteve desaparecido durante uma semana, quando deu entrada no hospital estava icterico, desidratado e prostrado. A conduta inicial foi a realização de hemograma que estava normal, exame bioquímico de Bilirrubina total estava 15mg/dL (0,15-0,5 mg/dL) e no exame de US o fígado se apresentou hiperecogênico e ductos biliares reativos. A conduta clínica inicial foi a fluidoterapia para corrigir desidratação e a colocação de uma sonda esofágica para o manejo nutricional especificamente o alimento úmido A/D® da Hills, estes sendo os mais importantes para o tratamento da lipidose hepática. Fármacos como o Maropitant IV, Omeprazol IV, Prednisolona IV, Vitamina K SC, Vitamina B12 SC, hepatoprotetores e suplementos alimentares foram administrados ao paciente. Durante o internamento ele não apresentou sinais de interesse pela comida, então após a alta o paciente continuou com a sonda esofágica e só foi retirada após ele se alimentar sozinho normalmente.



### 3.2 Sistema Reprodutor

A afecção acometida do sistema reprodutor foi o prolapso uterino, que é caracterizado pela passagem do útero pela vagina, junto da eversão da sua parede, que pode ocorrer a saída de um corno uterino, de ambos ou, ainda, dos dois cornos uterinos acompanhado do colo e a cérvix (SAMPAIO et al., 2019). A paciente possuía o prolapso uterino completo, então o diagnóstico pôde ser baseado através do exame físico e anamnese, foi observado a presença de tecido uterino protruído pela vulva. A conduta inicial foi o acesso venoso para iniciar a fluidoterapia para servir como via e a Metadona IV, pois havia sinais de dor, em seguida a paciente foi sedada para limpeza do tecido que estava prolapsado com clorexidina, também foi realizada a sondagem uretral e depois ela foi encaminhada ao centro cirúrgico. No pós-operatório ela recebeu medicações como Ampicilina IV, Maropitant IV, Metronidazol IV, Meloxicam IV e Metadona IV. A paciente recuperou-se bem e obteve alta.

### 3.3 Sistema Nervoso

A principal afecção acometida do sistema nervoso (TABELA 8) foram as crises epiléticas. A epilepsia é classificada como sendo um distúrbio neurológico crônico, em que ocorrem crises convulsivas recorrentes, persistentes e em sua maioria é de origem idiopática (CARNEIRO et al., 2018).

Os 4 pacientes caninos que deram entrada no hospital já faziam o uso de fármacos anticonvulsivantes como o levetiracetam e fenobarbital, todas foram internados por uma afecção primária, porém no internamento acabaram tendo crises epiléticas, eles acabavam ficando em observação e a conduta clínica que era aplicada em caso de crises, era a aplicação do diazepam IV.

**Tabela 8** - Afecções do sistema nervoso acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Crise epiléptica	5	0	5	71,43
Síndrome Vestibular	1	0	1	14,29
Encefalopatia Hepática	1	0	1	14,29
<b>Total</b>	<b>7 (100%)</b>	<b>0 (0%)</b>	<b>7</b>	<b>100,00</b>

### 3.4 Sistema Tegumentar

No sistema tegumentar (TABELA 9) a principal afecção foram as lacerações, tanto em caninos como em felinos. As causas mais frequentes eram por acidentes domésticos, automobilísticos e interação animal. A conduta clínica era avaliar a extensão da lesão, uso de fármacos para analgesia e anti-inflamatório, exame de radiografia quando lacerações mais profundas e a limpeza da lesão.

**Tabela 9** - Afecções do sistema tegumentar acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Laceração	6	2	8	80,00
Dermatite fúngica	0	1	1	10,00
Abscesso	1	0	1	10,00
<b>Total</b>	<b>7 (70%)</b>	<b>3 (30%)</b>	<b>10</b>	<b>100,00</b>

### 3.5 Sistema Urinário

A afecção mais comum do sistema urinário foram as obstruções uretrais em caninos e felinos (TABELA 10). Nas duas espécies apenas os machos foram acometidos, o que pode ser explicado devido à anatomia da uretra ser mais longa e estreita quando comparada com as fêmeas.

**Tabela 10** - Afecções do sistema urinário acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Obstrução uretral	2	6	8	66,67
Doença Renal Crônica	2	2	4	33,33
<b>Total</b>	4 (33,33%)	8 (66,67%)	12	100,00

Os principais sinais clínicos em gatos são disúria, gotejamento de urina, lambadura excessiva do pênis, inchaço do pênis, anorexia, vômitos, miados excessivos, letargia, prostração, entre outros (GEORGE et al., 2016). Segundo Montanhim et al (2019), a conduta clínica com um paciente obstruído deve ser começada realizando o acesso venoso, pois devido a dor e estresse que estes animais estão sofrendo no momento, não pode ser descartado uma parada cardiorrespiratória por causa da manipulação, então é importante ter uma via de acesso aos fármacos em uma situação de emergência. A sondagem uretral é de extrema importância como tentativa de desobstrução, porém ela pode não ter sucesso quando a obstrução for muito grave ou quando a uretra é rompida ao longo do procedimento, nesses casos o paciente precisa ser encaminhado para penectomia e uretostomia (MONTANHIM et al, 2019). A sonda precisa ser inserida na uretra até que a urina começa a retornar, depois disso deve fixa-la na pele e efetuar lavagens com solução fisiológica aquecida até que o líquido volte claro, o tempo que a sonda deve permanecer no animal é de no máximo 3 dias (MONTANHIM et al, 2019).

### 3.6 Sistema Respiratório

A principal afecção acometida no sistema respiratório (TABELA 11) foi o pneumotórax, ele ocorreu em um canino por trauma automobilístico e nos 3 felinos ocorreram por trauma decorrente de quedas de grandes alturas.

O pneumotórax é caracterizado pelo acúmulo de ar na cavidade torácica, ele pode ser classificado como aberto ou fechado. A forma aberta ocorre por resultado de uma lesão torácica penetrante que permite a entrada do ar no tórax, já o

pneumotórax fechado é o acúmulo de ar proveniente do sistema respiratório no espaço pleural (MARITATO et al., 2009; PAWLOSKI et al., 2010).

O paciente canino apresentava taquipneia, dilatação nasal e na auscultação pulmonar apresentaram sons abafados, segundo Rabelo (2015), esses são os principais sinais clínicos de um animal com pneumotórax e o diagnóstico se dá principalmente por meio de exame radiográfico, exame físico e ultrassonográfico, sendo este último o mais indicado, pois o animal que está em stress respiratório pode ter o quadro agravado em um exame de radiografia.

A conduta clínica neste paciente foi a inserção de dreno torácico, onde foi drenado em torno de 100 seringas de 60ml de ar, as medicações administradas foram o Butorfanol IV e a Metoclopramida IV. Após dois dias e controle das radiografias, foi retirado o dreno do paciente e ele obteve alta.

Os felinos acompanhados com pneumotórax acabaram vindos a óbito, pois além da lesão pulmonar ocorreram politraumatismos, devido a quedas do décimo, sétimo e primeiro andar.

**Tabela 11** - Afecções do sistema respiratório acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Pneumotórax	1	3	4	40,00
Broncopneumonia	3	0	3	30,00
Piotórax	0	1	1	10,00
Edema pulmonar	1	0	1	10,00
Pneumonia por aspiração	1	0	1	10,00
<b>Total</b>	<b>6 (60%)</b>	<b>4 (40%)</b>	<b>10</b>	<b>100,00</b>

### 3.7 Sistema Musculoesquelético

O politraumatismo foi a afecção mais acometida entre os casos acompanhados do Sistema Musculoesquelético. O politraumatismo consiste em múltiplas lesões orgânicas causadas por um mesmo acidente e pelo menos uma destas lesões causa risco de vida ao animal (COSTA, 2014).

Os 6 casos de politraumatismo em felinos foi devido a quedas de apartamentos, caracterizando a síndrome do gato paraquedista. Dentre as lesões estavam: fratura de mandíbula, pneumotórax, contusão pulmonar e fraturas em membros torácicos e pélvicos. A conduta era seguir os passos do ABCDE do trauma, primeiramente verificar vias aéreas, estabilização do paciente com suplementação de oxigênio e posteriormente exames de radiografia para avaliar a extensão das lesões.

**Tabela 12** - Afecções do sistema musculoesquelético acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Politraumatismo	0	6	6	75,00
Fratura	2	0	2	25,00
<b>Total</b>	2 (25%)	6 (75%)	8	100,00

### 3.8 Sistema Endócrino

Apenas 4 casos do sistema endócrino foram acompanhados (TABELA 13) e 2 deles foram de felinos com cetoacidose diabética, que é caracterizada por ser uma afecção grave metabólica, onde ocorre a hiperglicemia persistente, acidose metabólica e hiperetonemia associada a cetonúria. Os animais que fazem uso de insulina estão predispostos a desenvolver a cetoacidose diabética devido à resistência insulínica dos mesmos (WOLFRAN et al. 2019).

Os dois casos acompanhados foram de felinos que já possuíam a Diabetes mellitus diagnosticadas e faziam o uso de insulina diário. Um dos pacientes o tutor percebeu que o animal estava com anorexia, vômitos e prostração. A conduta inicial foi a aferição da glicemia onde foi constatado que o animal estava hiperglicêmico (418mg/dL) e no exame de urina apresentou corpos cetônicos na tira reagente. Foi iniciado o tratamento para cetoacidose diabética e tratamento de suporte, até a estabilização do quadro.

**Tabela 13** - Afecções do sistema endócrino acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Cetoacidose diabética	0	2	2	50,00
Hipertireoidismo	0	1	1	25,00
Hipercortisolismo	1	0	1	25,00
<b>Total</b>	<b>1 (25%)</b>	<b>3 (75%)</b>	<b>4</b>	<b>100,00</b>

### 3.9 Infeciosas, infectocontagiosas e parasitárias

Com a TABELA 14 podemos observar as principais doenças infecciosas, infectocontagiosas e parasitárias que foram acompanhadas durante o estágio curricular, onde a afecção com mais acometimentos foi a Parvovirose canina 64,7%, seguida da suspeita de calicivirose em felinos 11,7%.

**Tabela 14** - Afecções infecciosas, infectocontagiosas e parasitárias acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Parvovirose	11	0	11	64,71
Suspeita de calicivirose	0	2	2	11,76
Coccidiose	1	0	1	5,88
Leishmaniose	1	0	1	5,88
Peritonite Infecciosa Felina - PIF	0	1	1	5,88
Traqueobronquite infecciosa canina	1	0	1	5,88
<b>Total</b>	<b>14 (82,35%)</b>	<b>3 (17,65%)</b>	<b>17</b>	<b>100,00</b>

A parvovirose canina é uma das principais afecções gastroentéricas de relevância na clínica médica de pequenos animais, acomete principalmente cães filhotes e jovens, é causada pelo parvovírus canino tipo 2 (CPV-2), sua forma de contágio é pela via oronasal e é altamente contagiosa. Os principais sinais clínicos são hematoquezia, vômitos, desidratação e o tratamento é apenas sintomático (SANTANA et al., 2019). Nos casos acompanhados, os cães apresentaram anorexia,

vômitos, hematoquezia, escore corporal baixo, desidratação e letargia. Todos os cães eram de canis, com faixa etária de 3 meses a 1 ano não possuíam imunização. O diagnóstico foi realizado através do teste rápido juntamente com sinais clínicos e histórico do animal. O tratamento foi sintomático com objetivo de reposição hidroeletrólítica, além da fluidoterapia as medicações utilizadas foram Maropitant IV, infusão de Metronidazol IV, Omeprazol IV, Infermun® IV (imunoestimulador com células inativadas de *Propionibacterium acnes* e lipopolissacárido de células de *E.coli*), Metoclopramida IV e probióticos juntamente com Oralade - GI support ® VO (Alimento complementar dietético para a diminuição das formas agudas de má absorção). Apenas 3 animais obtiveram recuperação e alta, o restante veio a óbito.

A afecção infectocontagiosa mais acometida nos felinos foi a suspeita de calicivirose, ela é uma doença presente em todos os continentes, causada por um vírus RNA de fita simples, não envelopado, altamente mutável e, geralmente a sintomatologia consiste em sinais respiratórios e orais, podendo estar associado a febre e claudicação. Os gatos que vivem em aglomerados são mais suscetíveis, pois a transmissão ocorre de forma direta através de aerossóis, corrimentos oronasais e oculares, além de fômites como comedouros e bebedouros (HOFFMANN, 2016). Os pacientes que foram internados com suspeita de calicivirose eram filhotes e foram adotados de um abrigo onde havia surtos de calicivirose, comprovados com exames de PCR, neste caso acompanhado foi considerado suspeita porque os pacientes vieram de um ambiente que ocorreram casos comprovados. Eles apresentaram prostração, febre, anorexia, corrimento ocular e nasal e espirros. A conduta clínica foi a fluidoterapia, Maropitant IV, Omeprazol IV, Ampicilina IV, Infermun® IV, Metamizol sódico IV, além de nebulizações com soro e Dexametasona, lavagem nasal com cateter e alimentações forçadas. Ambos os animais obtiveram recuperação e receberam alta.

### 3.10 Intoxicações

Os principais acompanhamentos de intoxicação (TABELA 15) foram na espécie felina com 7 casos, geralmente os casos de intoxicação ocorrem em cães, pois os felinos possuem a característica de serem mais seletivos em sua alimentação e de recusar qualquer substância que apresente odor que não lhes

agrade e isso é algo positivo porque os gatos possuem peculiaridades metabólicas que favorece os quadros de intoxicações (MEDEIROS et al. 2009).

**Tabela 15** - Casos de intoxicações acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Ingestão de Paracetamol	0	2	2	22,22
Permetrinas	0	2	2	22,22
Ingestão de planta dracaena	0	1	1	11,11
Ingestão de planta não identificada	1	0	1	11,11
Ingestão de Milbemicina e Praziquantel	0	1	1	11,11
Ingestão de cebola	1	0	1	11,11
Ingestão de cosmético humano	0	1	1	11,11
<b>Total</b>	<b>2 (22,22%)</b>	<b>7 (77,78%)</b>	<b>9</b>	<b>100,00</b>

As intoxicações ocorreram principalmente pelo medicamento Paracetamol, que segundo a tutora foram administrados por engano, imediatamente ela levou os dois animais para o hospital, onde apresentaram hipotermia, mucosas cianóticas, taquicardia e taquipnéia. A conduta clínica inicial foi a administração de carvão ativado, fluidoterapia, estabilização dos pacientes com suplementação de oxigênio e aquecimento. Ambos obtiveram recuperação e receberam alta.

Outros dois felinos tiveram intoxicação por desparasitantes de uso tópico que são específicos para cães, com princípio ativo de Permetrinas, que é uma substância neurotóxica. Nos cães ela é metabolizada pelas enzimas glicuronil transferase que está em déficit na espécie felina, resultando no acúmulo da toxina e uma maior sensibilidade a esta substância. A dose tóxica é de 100 mg/kg (exposição dérmica) e não existe um antídoto para as permetrinas, sendo o tratamento apenas de suporte (JOANA REIS *et al.*, 2014).

Ambos animais apresentaram espasmos musculares, taquicardia e taquipnéia. A conduta clínica inicial foi a estabilização dos pacientes, suplementação com oxigênio, fluidoterapia e medicações como o Midazolam IV e Omeprazol IV.



### 3.11 Rotina cirúrgica

Na rotina cirúrgica (TABELA 16) a estagiária acompanhou principalmente o pós-cirúrgico imediato dos pacientes 82,8%. Após a cirurgia os animais eram levados pro internamento e era a responsabilidade dos estagiários e Médicos Veterinários Internos os cuidados no pós, como aferição de temperatura, frequência respiratória, frequência cardíaca, aferição de pressão arterial e qualquer outra particularidade que o paciente necessitasse, como por exemplo, suplementação de oxigênio em animais braquicefálicos.

A estagiária também acompanhou cirurgias de esterilização em fêmeas, que é um dos procedimentos cirúrgicos mais comuns na medicina veterinária e a técnica utilizada foi a ovariohisterectomia, que é quando os ovários e o útero são removidos. Todas foram cirurgias eletivas e exames pré-operatórios foram realizados em todas as cadelas (Morais, 2015).

**Tabela 16** - Rotina cirúrgica e pós-operatório acompanhados no HRVM.

<b>Afecção diagnosticada</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Ovariohisterectomia eletiva	10	0	10	15,63
Osteossíntese de fêmur	0	1	1	1,56
Cuidados Pós-Cirúrgico	47	6	53	82,81
<b>Total</b>	<b>57 (89,06%)</b>	<b>7 (10,94%)</b>	<b>64</b>	<b>100,00</b>

### 3.12 Procedimentos

Observando a TABELA 17, podemos analisar que os procedimentos mais acompanhados/realizados foram as aplicações de medicações com 43,9%, seguido de acesso venoso 18,8% e coleta de sangue 10,7%.

**Tabela 17** - Procedimentos realizados e/ou acompanhados no HRVM.

<b>Procedimentos</b>	<b>Canino</b>	<b>Felino</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Aplicação de medicação	320	150	470	43,97
Acesso venoso	134	67	201	18,80
Coleta de sangue	72	43	115	10,76
Limpeza de feridas	96	12	108	10,10
Aferição de glicemia	8	26	34	3,18
Radiografia	8	6	14	1,31
Ultrassonografia	24	14	38	3,55
Cistocentese guiada por US	1	0	1	0,09
Sondagem esofágica	1	0	1	0,09
Drenagem de abscesso	1	0	1	0,09
Vacinação	3	0	3	0,28
Enema	0	4	4	0,37
Aferição de pressão arterial	11	23	34	3,18
Nebulização	13	8	21	1,96
Lavagem nasal	0	8	8	0,75
Sondagem uretral	2	4	6	0,56
Fluidoterapia por via subcutânea	8	0	8	0,75
Retirada de pontos	2	0	2	0,19
<b>Total</b>	<b>704 (65,86%)</b>	<b>365 (34,14%)</b>	<b>1069</b>	<b>100,00</b>

## **4 CONCLUSÃO**

O estágio curricular obrigatório na área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais permitiu a estagiária adquirir e aperfeiçoar conhecimentos teóricos e práticos aprendidos durante a graduação, juntamente com uma equipe de médicos veterinários capacitados.

A vivência em um hospital veterinário em outro país e com uma equipe multicultural permitiu a troca de vivências e experiências que agregaram e foram essenciais para o crescimento pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, P. Jane; BLANCHARD, Geraldine. Hepatic Lipidosis in Cats. *Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice*, [S.L.], v. 39, n. 3, p. 599-616, maio 2009.

Braga P. F. de S.; lasbeck J. R.; Almeida L. P. de. Fatores associados a gastroenterite em cães. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 12, n. 2, p. 73-73, 28 nov. 2014.

CARNEIRO, Andressa Aparecida; HASHIZUME, Eduardo Yudi; ELIAS, Bruno César. Epilepsia idiopática em cães. *Ciência Veterinária UniFil*, [S.I.], v. 1, n. 1, p. 68-83, abr. ISSN 2595-7791.2018.

COSTA, Samuel André Bailador. Maneio do paciente politraumatizado na clínica de animais de companhia. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária. 2014.

GEORGE, C. M.; GRAUER, G. F. Feline urethral obstruction: diagnosis & management. *Today's Veterinary Practice*, Gainesville, p. 39-46, jul./ago. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2n2qg1K>.

HOFFMANN, Martina Lese. **CALICIVIROSE SISTÊMICA EM GATOS**. 2016. 20 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina Veterinária, Ufrgs, Porto Alegre, 2016.

JOANA REIS ET. AL. **PROTÓCOLOS CLÍNICOS**: diagnóstico e intervenção em clínica de animais de companhia. 74 f. - Curso de Medicina Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária Escola de Ciências e Tecnologia, Universidade de Évora, Évora, 15. 2014.

Luiz MontanhimG.; Morelli MarangoniJ.; de Oliveira PigossiF.; Alessandra Martins Del BarrioM.; Aparicio FerreiraM.; Bonafim CarvalhoM.; Castro MoraesP. Protocolo emergencial para manejo clínico de obstrução uretral em felinos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 17, n. 3, p. 22-28, 17 dez. 2019.

Lawrence, Y., & Lidbury, J. (2015). Symptomatic Management of Primary Acute Gastroenteritis. *Today's Veterinary Practice*, 5(6), 46–52. 2015.

MORAIS, Ana Filipa Loja. As vantagens e desvantagens entre ovariohisterectomia e ovariectomia na cadela e na gata, como método contraceptivo. 2015. **PhD Thesis**.<http://hdl.handle.net/10400.26/16792>

MEDEIROS, Renata Jurema; MONTEIRO, Fábio de Oliveira; SILVA, Gleice Castelo da; NASCIMENTO JÚNIOR, Amary. Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 39, n. 7, p. 2105-2110, out. 2009.

MOSTACHIO, G. Q.; VICENTE, W. R. R.; CARDILLI, D. J.; MOTHEO, T. F.; TONIOLLO, G. H. PROLAPSO UTERINO EM GATA E RETROFLEXÃO UTERINA EM CADELA. *Ciência Animal Brasileira / Brazilian Animal Science*, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 801–805, 2008.

Maritato KC, Colon JA, Kergosien DH. Pneumothorax. *Compend Contin Educ Vet*. May;31(5):232-42; quiz 242. 2009.

Pawloski DR, Broaddus KD. Pneumothorax: a review. *J Am Anim Hosp Assoc*. Nov-Dec;46(6):385-97. 2010.

Rabelo, R., (2012). Emergências de Pequenos Animais. **Condutas Clínicas e Cirúrgicas no Paciente Grave**. Elsevier. Rio de Janeiro.

SAMPAIO, Renato Linhares, et al. Histeropexia no tratamento do prolapso uterino total em cadela Fila Brasileiro. **Acta Scientiae Veterinariae**, 2019, 47.1: 454.

SANTANA, Weslei de Oliveira; LENCINA, Michele Machado; BERTOLAZZI, Sabrina; SILVEIRA, Simone; STRECK, André Felipe. Parvovírus canino: uma abordagem evolutiva e clínica. **Medicina Veterinária (Ufrpe)**, [S.L.], v. 13, n. 4, p. 526, 8 jul. 2019.

VALTOLINA, Chiara; FAVIER, Robert P.. Feline Hepatic Lipidosis. *Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice*, [S.L.], v. 47, n. 3, p. 683-702, maio 2017. Elsevier BV.

WOLFRAN, Luciana; OYAFUSO, Mônica Kanashiro; OSAK, Sílvia Cristina. Cetoacidose diabética: Revisão de literatura. **Pubvet**, Palotina, v. 13, n. 3, p. 1-7, mar. 2019.